



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16407 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

EJA, FORMAÇÃO DOCENTE E INCLUSÃO: A EXTENSÃO CURRICULARIZADA NA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA E NA SALA DE AULA

Daniela Lopes Oliveira Dourado - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Ana Lucia Gomes da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Silvar Ferreira Ribeiro - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

EJA, FORMAÇÃO DOCENTE E INCLUSÃO: A EXTENSÃO CURRICULARIZADA NA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA E NA SALA DE AULA

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da educação básica que se firma em um campo de luta e resistência para garantir o direito à educação e a inclusão social de pessoas que por diversos motivos não acessaram ou não permaneceram na escola. Entretanto, mesmo sendo uma modalidade reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, encontra entraves que precisam ser superados, como a formação de professores nos cursos de licenciaturas.

As propostas de formação docente nas licenciaturas apresentam currículos em sua maioria, voltados com ênfase para a educação básica da infância e adolescência, deste modo, jovens e adultos que por diversos motivos não conseguiram estudar, quando retornam para a escola não encontram muitas vezes, professores com formação para atuar na EJA, causando impactos significativos na educação pública, visto que, existe uma carência de formação docente que dê

conta das especificidades e da diversidade que habita a EJA, refletindo em sala de aula e na realidade social destas pessoas, pois é preciso garantir processos e práticas específicas para atender os seus estudantes.

Tendo como referência esta realidade na formação de professores do curso de Pedagogia da Universidade, o movimento curricular tem apresentado discussões importantes para garantir a formação em pedagogia com aprendizagens na educação de jovens e adultos no ensino, pesquisa e extensão. Entretanto, devido à falta de investimento nesta modalidade, principalmente no período de 2018 a 2022, foi percebido o fechamento de muitas turmas de EJA em todo Brasil, causando dificuldades para implementar uma proposta curricular que promovesse o estágio e pudesse favorecer os licenciandos com experiências mais consistentes.

Essa realidade dificultou a tomada de decisão por um currículo que contemplasse o estágio na EJA com anseio de não conseguir espaço para a atuação nessas atividades, e a equipe do núcleo docente estruturante justificou que o cenário político também não corroborava para esperanças em mudanças nesta modalidade no contexto escolar.

Deste modo, como transgredir um currículo que não corrobora para a compreensão da docência em suas dimensões para atuação na educação de jovens e adultos? Quais possibilidades podem ser criadas para promover a formação de professores com olhares mais investigativos e reflexivos para esta modalidade?

Tomando estes questionamentos como impulsionadores, ficou entendido que seria possível planejar experiências interventivas para que os estudantes de pedagogia pudessem vivenciar a EJA com processos de formação docente trilhando caminhos pela extensão. É sabido que, a Resolução CNE/CES nº 7 de 18/12/2018 estabelece a extensão curricularizada no ensino superior como obrigatória nos cursos de graduação.

Nesta perspectiva, a experiência extensionista na EJA é uma possibilidade para analisar a intervenção como possibilidade de ocupação das lacunas curriculares no curso de pedagogia e formação docente.

A investigação analisa a extensão Educação de Jovens e Adultos nos diversos espaços, promovida com estudantes do quinto semestre do curso de Pedagogia em 2024.1, a partir de observações, rodas de conversas e oficinas de produção de cartas pedagógicas nas turmas da Educação de Jovens e Adultos das escolas municipais e estaduais de 8 municípios do Território de Identidade de Irecê na Bahia

Os resultados analisados consideraram as rodas de conversas com os

depoimentos dos estudantes da graduação sobre suas experiências na extensão.

2 A AUSÊNCIA DA EJA NOS CURRÍCULOS DE LICENCIATURA

É importante considerar que as pessoas jovens e adultas tem o direito constitucional à educação, mas na prática, os desafios persistem quanto a realidade da promoção da Educação de Jovens e Adultos no contexto Nacional, a EJA, ao que parece pelas observações nas escolas, não foi assumida como política pública pelos poderes públicos na dimensão que as políticas públicas asseguram para esta modalidade.

A formação de professores, infelizmente endossa essa realidade. Os cursos de licenciaturas não promovem em sua maioria a formação de professores com orientações na mesma proporção que ocorre para infância e adolescência, agravando ainda mais a qualidade da educação nas turmas de EJA, pois a ausência de profissionais qualificados e formação continuada para a modalidade é uma queixa recorrente entre os educadores nas escolas.

Para Arroyo (2017) o pensamento pedagógico e as diretrizes políticas e curriculares não conseguem articular à educação como justiça, do povo como sujeito de direito, o que mobiliza uma formação deficiente e por consequência currículos escolares que não atendem a verdadeira proposição da educação como direito humano, direito a uma vida justa e de contraposição às injustiças sociais.

Por conseguinte, se a formação docente não acontece como deveria, os processos educativos na escola são prejudicados, a saber, mesmo que os professores se esforcem para atuar na EJA, sem a formação que é crucial para estruturar a discussão teórico-prática, não alcançará a dimensão da prática pedagógica que compreende a diversidade humana, que os sujeitos da EJA apresentam, a partir dos seus múltiplos contextos socioculturais e enfrentamento das injustiças sociais, como afirma Arroyo (2017), não irão conseguir gerir processos pedagógicos que acolham seus estudantes. Cursos com proposições apenas teóricas não são suficientes para entendimento da docência neste campo.

Na verdade, os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem. Assim, nem sequer se pode denominá-las *teorias*, pois são apenas *saberes disciplinares* em cursos de formação, que em geral estão completamente desvinculados do campo de atuação profissional dos futuros formandos (Pimenta e Lima, 2012, p.33, grifos dos autores).

A discussão apresentada por Pimenta e Lima (2012) reforça a necessidade

de garantir na formação do professor e da professora conhecimentos implicados com a teoria-prática de modo indissociável, para a habilitação do futuro docente nas áreas que lhe compete.

Carvalho (2012) reitera,

É necessário problematizar as ações docentes para que as observações possam, a partir de referenciais teóricos, ser significativas para os futuros professores ou para os professores em serviço, levando-os a refletir sobre a relação tão complexa entre o ato de ensinar de um professor e a aprendizagem de seus alunos. Essas reflexões terão maior significado se forem feitas coletivamente nas aulas da faculdade, com a ajuda de referenciais teóricos mais consistentes (Carvalho, 2012, p.13).

Carvalho (2012) e Pimenta e Lima (2012), advogam, que a formação docente é prescindível para a discussão teórico-prática. Entretanto, na universidade esta demanda, que é advogada pelas autoras, ainda está incipiente, tem-se aí um vazio epistêmico, metodológico e político. Neste sentido, a discussão sobre o espaço da EJA nos currículos das licenciaturas é uma pauta urgente e indispensável, é fundamental que os docentes do ensino superior compreendam a dimensão da educação de jovens e adultos e recorram aos currículos para atualização e garantia na formação dos professores na graduação.

Sabe-se que não é um movimento fácil, mas é importante iniciação de diálogos construtores, trazendo para o campo curricular as avaliações necessárias para as reflexões formadoras. As experiências promovidas na relação permanente e espiral entre docentes-discentes-conhecimentos é primordial para a aprendizagem da comunidade acadêmica e compreensão das mudanças urgentes implicadas com a realidade social.

A extensão curricularizada pode ser um caminho para a promoção do conhecimento da comunidade acadêmica e reflexões importantes para avaliar as dimensões curriculares dos cursos de licenciaturas e o espaço da EJA na formação de professores para atuação na Educação Básica, principalmente quando o currículo não garante o espaço da EJA para uma formação teórico-prática.

A extensão curricularizada é formalizada para os cursos de graduação na educação superior pela Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018, do Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional de Educação (CNE) e Câmara de Educação Superior (CES) que estabelece as Diretrizes para extensão na Educação Superior Brasileira, a partir do disposto na Meta 12.7 da Lei no 13.005/2014 e orienta a obrigação de atividades de extensão que contabilizem 10% da carga horária mínima dos cursos de graduação.

Na Universidade, a extensão curricularizada é regulamentada pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE), nos Cursos de Graduação e Pós- Graduação. Atende a determinação que as ações de extensão estejam presentes no percurso acadêmico dos graduandos na educação superior, por isso, em consonância com a legislação nacional os processos pedagógicos que envolvem a extensão compreendem a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, ou seja, promove a interação da universidade com outros setores da sociedade, primando pela interdisciplinaridade no campo educativo, cultural, científico e político.

Apesar da regulamentação da extensão definir seus objetivos, normas e orientações processuais, este é um campo complexo, pois remete novos caminhos formativos, que orientam o olhar de dentro para fora e de fora para dentro das salas de aulas na universidade, exigem processos reflexivos, contextualizando os conhecimentos teórico-práticos com a diversidade social, possibilitando fomentar a tríade ensino-pesquisa-extensão como percurso formativo na graduação.

Desse modo, o magistério modifica-se conforme as demandas sociais, transformando-se, a cada dia em uma profissão complexa e multifacetada, exigindo saberes, competências e conhecimentos dos seus profissionais para que sejam realizadas de forma que venha a cumprir a sua função, atender e corresponder às demandas da contemporaneidade. Função esta, que nos aponta para um processo da formação permanente que perpassa toda a vida profissional para a docência, cuja mobilização de recursos técnicos e capacidades cognitivas que devem ser assegurados pelas instituições formadoras de docentes (Oliveira; Sales; Silva, 2017, p. 7).

Toda essa discussão evidencia o desafio e a oportunidade que a extensão pode oferecer para ocupação das lacunas curriculares na formação docente, com a construção de projetos que se articulem com a realidade social e as demandas que se configuram deficientes nos currículos de licenciatura.

2.1 Resultados e discussões da pesquisa

O desafio de ocupar o vazio na formação em pedagogia quanto aos conhecimentos para formação docente no que tange a EJA, mobilizou a construção de uma proposta interventiva de extensão que possibilitasse a compreensão dos conhecimentos dos componentes curriculares do quinto semestre em 2024.1: Educação de Jovens e Adultos, Educação e Trabalho, Pesquisa e Estágio em Espaços não escolares e TEEC – Tópicos Especiais em Educação na Contemporaneidade.

O componente TEEC possibilita acessar as áreas diversificadas, visto que

sua ementa orienta a articulação interdisciplinar do ensino, pesquisa e extensão. Por consequência, assumiu-se aqui a responsabilidade de articulação de processos que lançassem os estudantes em campo, dialogando com os conhecimentos acadêmicos, a realidade encontrada e os sujeitos da EJA.

O projeto foi inicialmente dialogado internamente com estudantes e professores, na sequência com as escolas representadas pelos diretores e coordenadores pedagógicos para que viabilizassem a entrada e permanência dos estudantes nas escolas municipais e estaduais de 8 municípios das 20 cidades do Território de Identidade de Irecê. Estas cidades foram escolhidas a partir do domicílio dos estudantes do 5º semestre de pedagogia.

A proposta da Extensão denominada Educação de Jovens e Adultos nos diversos espaços, compreendia as experiências dos estudantes no estágio não escolar com jovens e adultos e a relação construída nas atividades propostas pela extensão e demais componentes do semestre na EJA escolar.

Após a primeira fase de autorização documentada da extensão e pesquisa nas escolas, os licenciandos visitaram as salas de EJA em processo de observações, com diálogos com os professores e estudantes. Nesta ação, foi possível aproximar-se da realidade da sala de aula da EJA e iniciar a identificação do contexto da EJA e de seus sujeitos.

As visitas foram importantes para diálogos na universidade com os componentes que articulam os conhecimentos para entendimento da EJA, e orientação para uma segunda etapa de diálogos permanentes nas observações para levantar-se, a partir das vozes dos sujeitos da EJA, suas relações com a escola, a vida e a sala de aula, memórias, expectativas e frustrações.

À medida que estas experiências iam se intensificando, os estudantes de pedagogia apresentavam diálogos mais consistentes sobre o contexto da EJA, a realidade social dos seus sujeitos, os enfrentamentos docentes, a realidade da escola e as políticas públicas da EJA.

Posteriormente, decidiu-se construir em oficinas de escrita com as turmas da EJA, cartas pedagógicas que pudessem representar as vozes dessas pessoas, possibilitando a permanência de um diálogo para além do encontro, mas que favorecesse a elaboração de documentos que apresentassem os estudantes com entidades que eles escolhessem dialogar por ser significativo para eles, como coordenação e direção das escolas, governos municipais, estaduais e federais, entre outras.

As oficinas de produção de cartas pedagógicas foram articuladas com os professores e escolas, definindo as datas e horários que deveriam acontecer. Os

estudantes mobilizaram rodas de conversas com as turmas de EJA que explorassem seus saberes quanto suas histórias de vida, relação com a família, trabalho, manifestações culturais, aprendizagens para além da escola. E ainda, a relação com a escola, os aspectos que os integram e acolhem, os desejos de aprendizagens, expectativas, críticas e sugestões.

Cada grupo de estudante construiu estratégias para mobilizar o diálogo e na sequência construir uma única carta que identificasse a turma. A escolha do destino da carta também foi acordada com a turma, que optaram por encaminhar para destinatários diferentes como a direção, coordenação e professores da escola, e para autoridades como prefeitos, governador e presidente da república. As cartas foram enviadas para seus destinos, e as cartas para o governador da Bahia e Presidente do Brasil entregues por mediação do Fórum EJA Bahia.

Não houve ainda nenhuma manifestação de resposta destas cartas, mas é importante evidenciar que estes diálogos despontam a oportunidade de ecoar as vozes dos estudantes da EJA, que mobilizam expectativas sobre o retorno à escola e que muitas vezes não são acolhidos devido a deficiência que a EJA se encontra.

Por outro lado, os estudantes de pedagogia, trouxeram para a universidade um bojo de experiências que culminaram em curtos vídeos documentários produzidos junto com os estudantes das escolas visitadas.

Foi possível destacar nas reflexões dos estudantes de pedagogia afirmações sobre a importância da extensão na formação, que mesmo não sendo um estágio, oportunizou aproximação com a EJA, visto que, foi o primeiro contato com a educação de jovens e adultos, possibilitando desconstruir preconceitos e tabus existentes sobre essa realidade, entre eles, identificaram que os estudantes não estão lá apenas para aprender ler e escrever, mas para seguir aprendendo e alcançando novos níveis de ensino e aprendizagem.

Pontuaram que os estudantes da EJA são pessoas talentosas, que suas vidas são marcadas por trilhas que dificultaram a permanência na escola, mas isso não representa que não possuam interesse em estudar, que as falas eram carregadas de emoção, esperança e sonhos para o futuro.

Elencaram que a EJA precisa ser atendida em suas especificidades, que os estudantes trazem diversos saberes e experiências de vidas que podem ser mobilizadas nos processos pedagógicos, por isso é importante que os conteúdos sejam trabalhados considerando seus contextos de vida e formação. E é importante ressaltar que, pessoas jovens e adultas possuem uma linguagem e expressão que difere da infância e adolescência, e que esta pode ser um problema caso o professor não tenha formação para integrar-se e entender a diversidade que envolve estas pessoas, ressaltando que a EJA é um espaço de acolhimento e

transformação.

As reflexões posteriores, sobre as implicações com a própria formação docente, evidenciaram que precisam continuar a formação com mais conhecimentos sobre a EJA, as práticas pedagógicas em consonância com as áreas de conhecimentos do ensino fundamental. Que apesar da experiência ter sido enriquecedora para a formação, ela despertou a necessidade de aprendizagens mais consolidadas sobre a docência na EJA.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O decurso formativo construído com o projeto Educação de Jovens e Adultos nos diversos espaços a partir da intervenção promovida pela extensão curricularizada na formação docente no curso de pedagogia, é uma possibilidade para ocupar lacunas curriculares nos cursos de licenciatura, é um caminho viável para promoção de experiências e reflexões formativas.

As práticas proporcionadas nas escolas com estudantes da EJA de modo planejado e considerando o diálogo formador entre estudantes em formação docente e estudantes da educação básica oportunizaram trocas de conhecimentos importantes para a promoção de aprendizagens docentes.

A intervenção demarcou a extensão como oportunidade para possibilitar estratégias para articular conhecimentos interdisciplinares que não são contempladas no conjunto de componentes curriculares, ao modo que, o transcurso mobilize o ensino-pesquisa-extensão, permitindo que, a partir do seu processo formativo, o estudante de pedagogia, futuro profissional da educação, acrescente à sua formação uma visão crítica da EJA e uma atuação comprometida com a inclusão social de dos jovens e adultos que retornam à escola em busca de complementar a sua formação e buscar novos espaços sociais possíveis.

REFERÊNCIAS

Arroyo, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa.** Petrópolis: Vozes, 2017.

Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para extensão na Educação Superior Brasileira. Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional de Educação (CNE) e Câmara de Educação Superior (CES). BRASIL: CNE/CSE, 2019.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Os estágios nos cursos de licenciaturas.** São Paulo: Cengage Learning, 202. (Coleção Ideias em Ação)

OLIVEIRA, Rosilene de Souza; SALES; Márcea Andrade; SILVA, Ana Lúcia Gomes. Professor por acaso? A docência nos institutos federais. **Revista Profissão Docente**. Uberaba, v.17, n. 37, p.5-16, ago.-dez., 2017.
<https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2020.v29.n57.p109-124>

PIMENTA, Selma Garrido Pimenta; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção docência em formação. – Série saberes pedagógicos).

Palavras-chave: educação de jovens e adultos; curricularização da extensão; formação docente; pedagogia.